

Misticismo e ideologia no contexto cultural português: a saudade, o sebastianismo e o integralismo lusitano

Servindo-me da metodologia relativista sugerida por Peter Winch em *The Idea of a Social Science*¹ para a análise das ações sociais no contexto cultural a que naturalmente pertencem, quero servir-me da saudade e do sebastianismo como *ideal types* (no sentido heurístico que lhe deu Weber)², para abordá-los naquilo que ambos contêm de ressonância política.

Apresentarei a doutrina do integralismo lusitano como exemplo útil dum esforço de solução ideológica da «contradição portuguesa» entre a saudade (aqui expressa no medievalismo) e o sebastianismo (revelado no tema do Quinto Império). Para tal, servir-me-ei com especial realce do percurso doutrinário de António Sardinha, que, como adiante se verá, oscilou e depois percorreu o espaço entre as duas concepções propostas.

Tanto a saudade como o sebastianismo são donos de um determinado tipo de discurso e pertencem, embora não hermeticamente, a um especial tempo verbal. Definamos então ambos estes «modos de ver» naquilo que têm de assinalável e útil.

A SAUDADE

Tornou-se um lugar-comum isolar a saudade dentre aquelas características mais ou menos salientemente originais da nossa cultura. Embora também se possa dizer que os lugares-comuns fabricam, com a sua frequência e assiduidade, a sua própria justificação de existência e verdade; creio não ser descabido tomar a saudade como tema obsessivo da nossa literatura e cultura.

Para que seja metodologicamente útil, é necessário defini-la enquanto *modo de ver* (dirigido a pessoas, a lugares ou à própria história), caracterizada por determinada *maneira de sentir* que atribui uma escala de valores de acordo com uma concepção descontínua do tempo. O que se *valoriza* então é o passado à custa do presente e, de certo modo perverso, mas coerente, o presente à custa do futuro. «Dantes é que era bom» será a expressão popular que sintetiza boçalmente a primeira contraposição e «As coisas vão de mal a pior» a segunda.

Tal como Sá Carneiro escrevera, «Para mim é sempre ontem», também os integralistas da primeira geração assim concentravam o seu olhar. A saudade não é apenas, ou tanto, um olhar — como uma *relação* entre olhares, comparação do mal de hoje com o bem de ontem.

* GIS/Instituto de Ciências Sociais e Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

¹ Peter Winch, *The Idea of a Social Science*, Londres, 1958.

² Edward Shils e Henry A. Finch (eds.), *The Methodology of the Social Sciences*, Glencoe, 1949.

Tem interesse considerar, por instantes, a noção de *saudade histórica*, já poeticamente empregue por Fernando Pessoa. Se cada olhar escolhe ou é escolhido pelo objecto que o fascina, é certo que, na obra integralista (e não só) existem dois focos onde se concentra a atenção saudosa. Até porque a maior parte do trabalho doutrinário dos integralistas se destinava a *reabilitar* as figuras e os períodos históricos que pensavam dever constituir a sua *tradição* — e, neste sentido, creio ser lícito falar na construção, ou reconstrução, dum *passado digno* —, valorização que não é diferente, nem tão-pouco se distingue claramente, do processo de *embelezamento do bem perdido* que está na natureza do fenómeno saudoso.

Esses dois focos serão, não tão *grosso modo* como se poderá à partida pensar, o período quatrocentista, pré-Descobrimientos, entendido aqui como o ponto mais desejável, mas ainda não desenvolvido, da Idade Média, e o período quinhentista, dos Descobrimientos, entendido aqui como o ponto menos desejável, mas ainda não decadente, da Renascença.

Estes dois *tempos* acarretam, no ideário histórico dos integralistas, considerações tomadas como consequências ideológicas sobre a *Nação* e o *Estado* português.

Assim é possível distinguir os dois tipos de raça e os dois tipos de país que pertencem a cada tempo:

Por um lado, no tempo medieval, o Português é um *lavrador/poeta* à maneira de D. Dinis — apegado à terra, suavemente católico e supersticioso, de brandos costumes e paixões. Por outro, no tempo dos Descobrimientos, o Português é um *navegador/guerreiro* à maneira de Albuquerque — sedento de aventura, mais para o mar do que para a terra, apaixonado, violento e duma religiosidade ternamente mística.

Ao primeiro português corresponde um Portugal-quinta, a «piquena casa lusitana» de que falava Camões; e ao segundo um Portugal-império, aquele que «dera novos mundos ao mundo».

Na historiografia integralista, estes dois «modelos» — chamemos-lhes assim — servem e são servidos na construção das respostas perenes sobre a *natureza* e o *destino* de Portugal e dos Portugueses; ou seja, aquilo que Portugal e os Portugueses eram *manifestamente* e são agora *no fundo*; aquilo que já foram ou poderiam ter sido e agora deveriam finalmente assumir. Esta questão, que Sardinha circunscreveu com as palavras «*A Verdade Portuguesa*», encontra-se evidentemente na base de todas as interrogações que se fizeram, se fazem e decerto continuarão a fazer-se sobre a identidade interior e exterior do País — lugar dos Portugueses e de Portugal, e de uns e outro, no mundo.

É possível dividir as fontes desta reconstrução do passado, como saudade histórica, de acordo com o seu fundamento na realidade perceptível e interpretável. Assim como a saudade *tout court* pode conter um maior ou menor grau de embelezamento e transformação (ao ponto de o letrista Aníbal Nazaré ter exclamado que até os tempos maus, na saudade, pareciam bons)³, também a saudade histórica se pode aproximar mais, ou menos, duma tentativa sincera de conhecer o passado, seleccionando o mais fielmente possível, na escolha e no estudo de uma tradição.

Chamando à *realidade histórica* o conjunto de dados mais ou menos verificados e comprovados que são plausivelmente interpretados e inter-relacionados, pode fazer-se a seguinte discriminação:

1. *Realidade histórica* — Uma interpretação razoavelmente optimista desta.

³ «Do tempo da mocidade / Só a saudade ficou... / Chega a gente a ter saudade / Das horas más que passou» (Mascarenhas Barreto, *Fado*, Lisboa, s. d.)

2. *Realidade histórica modificada*— Aqui se situa o tratamento dado por Sardinha e pelos outros integralistas a mitos e lendas, como sejam, mais gritantemente, o «Milagre de Ourique» e a lenda sebástica. Alfredo Pimenta, aliás, definiu com honestidade o relativismo que presidia à sua visão e revisão da história.

Tal como António Sardinha dissera que «não podemos hoje encarar a questão do milagre de Ourique com o critério exterior, todo pio e circunscrito, através do qual Alexandre Herculano a encarou»⁴, também Alfredo Pimenta escreveu corajosamente:

A verdade é a verdade? É. Mas a verdade, fora da Revelação, não existe. Se tenho de tomar uma verdade relativa, adopto a verdade que serve a minha Pátria, e não a que pode prejudicá-la ou diminuí-la. Por isso, tenho para mim, sinto-o e proclamo-o, que a minha Pátria é a mais bela, a mais nobre, a maior de todas as Pátrias, e que são estas que devem servir a minha, e não a minha que deve servir a dos outros

A batalha de Aljubarrota contada pela História de Portugal é uma; a mesma batalha contada pela História de Castela é outra. Qual delas é a verdadeira? No mundo das transcendências, se calhar, nem uma nem outra; mas, como eu vivo neste mundo, não hesito: A verdadeira é a dos portugueses, porque nos exalta, e nos distende os nervos em estímulos de heroísmo. Numa palavra: em história de Portugal é verdadeiro tudo quanto glorifique a Nação Portuguesa; é falso tudo quanto a deprima, a diminua, a enerve e a enxovalhe.

Por isso, eu, historiador, se fosse historiador, seria um historiador objectivo com a reserva acima indicada⁵.

3. *Realidade histórica hipotética*— Trata-se de uma curiosa forma de história, frequentemente feita pelos integralistas, que consistia em tecer considerações baseadas numa premissa condicional pretérita, na forma da proposição «Se isto [não] tivesse acontecido [...] então [...]». Pressupõe, implicitamente, uma situação de encruzilhada na qual dois ou mais caminhos poderiam ter sido escolhidos, tendo embora sido historicamente seleccionados um, ou o, caminho menos desejável.

Encontramos aqui as conjecturas do tipo «Se não tivéssemos perdido a batalha de Alcácer Quibir...», «Se não tivéssemos partido para a Índia...» ou «Se D. Miguel tivesse podido continuar como rei de Portugal...»

Este tipo de análise contém dois aspectos diversos. O primeiro é a reconstrução do presente surgindo de um passado corrigido (convenientemente alterado); e o segundo é uma espécie de autocompaixão nacional resultante da consciência de oportunidades perdidas e da avaliação negativa do presente tal qual ele é. Evidentemente, imputam-se responsabilidades pela utopia gorada e tiram-se ilações segundo a proposição «O que poderíamos ser se...».

Os integralistas, na sua primeira fase, utilizavam esta realidade histórica hipotética sobretudo em relação aos Descobrimientos— aquilo que Portugal poderia ter sido se não tivesse compreendido essa ambição. É o que Alberto Monsaraz diz no primeiro número da *Nação Portuguesa*:

Se a voz do Velho do Restelo fosse ouvida, as madeiras das naus seriam arados para lavar a terra fecunda e semear a alegria, a abundância e a paz⁶.

⁴ António Sardinha, *Na Feira dos Mitos*, Lisboa, 1926, p. 145.

⁵ Alfredo Pimenta, *Novos Estudos Filosóficos e Críticos*, Lisboa, 1935, pp. 106-107.

⁶ A. M., «O nosso rei», in *Nação Portuguesa*, 1.ª série, n.º 3, Junho de 1914, p. 67.

4. *Realidade histórica imaginária*— Esta fonte inclui todas as explicações patentemente absurdas em redor de períodos cuja distância no tempo e falta de documentos se prestam à especulação e à invenção. Na grande maioria dos casos trata-se de responder a perguntas sobre a origem da nacionalidade portuguesa com teorias mais ou menos mitopoéticas, como foi a descendência dos Portugueses, traçada por António Sardinha em *O Valor da Raça*, até aos habitantes da ilha lendária de Atlântida⁷. É, contudo, uma manipulação pouco popular na generalidade dos escritores integralistas.

São estas, portanto, as fontes de que se servem os integralistas para reconstruir o passado digno de Portugal.

Incidindo sobretudo sobre a época de Quatrocentos, os integralistas construíram um paraíso medieval português, *contra* a visão do império que lhe sucederia.

Segundo esta visão, de um Portugal tranquilo, pacatamente próspero e tradicional, a Idade Média terá sido o ponto alto da história portuguesa, a acalmia antes da tempestade da Índia, e toda ela tem o carácter duma saudade, de embelezamento do passado, de arrependimento, de dolorosa e doce lembrança.

Luís de Almeida Braga, escrevendo em 1931, dizia que «verdadeiramente não havia então *classes* pobres; só os *individuos* o podiam ser, por virtude de circunstâncias excepcionais e fortuitas — incêndios, pestes, as grandes fomes, as doenças longas. Mas esses tinham nos mosteiros hospitalidade generosa e terna»⁸.

Mais adiante, e repare-se na especial ênfase da linguagem, toda ela tingida de saudade:

A ninguém faltava uma pedra redonda para erguer o lume, nem havia quem não tivesse onde abrigar-se à noite. As matas da Coroa davam lenha a uns, a outros madeira para rabiças de arados e para caibros [...] ⁹

Não faltam na obra integralista descrições deste tipo. A ideia dominante é duma beleza interrompida. Como explica António Sardinha na «Teoria das Cortes Gerais», utilizando os dois conceitos de *concordia* e de *imperium* para o efeito («descrever os conflitos da *concordia* com o *imperium* é descrever, quase clinicamente, o *pathos* atrofiador da Nacionalidade») ¹⁰, a interrupção dos Descobrimentos pôs fim à possibilidade de uma harmonia económica, social e política quase atingida:

Cortado a meio da sua jornada histórica, não pôde Portugal, pela perturbação cosmopolita de Quinhentos, seguir a linha natural da sua formação. Abastardou-se a realeza, corrompeu-se o Município, as classes, de núcleos necessários à resistência da Nação, mudaram-se, com o andar dos tempos, em simples cariátides do poder ¹¹.

⁷ Ver o capítulo «O espírito de Atlântida» em *O Valor da Raça*, Lisboa, 1915, pp. 72-102, sobretudo pp. 80-94. Depois de tentar estabelecer a existência da Atlântida, Sardinha traça as origens do que ele chama «H.-Atlanticus» àquela ilha.

⁸ Luís de Almeida Braga, «Dos tempos áureos», in *Integralismo Lusitano*, vol. I, fasc. VI, Setembro de 1932, p. 285.

⁹ Id., *ibid.*, p. 286.

¹⁰ António Sardinha, «Teoria das Cortes Gerais», prefácio à edição de 1924 das *Memórias e Alguns Documentos para a História e Teoria das Cortes Gerais [...] Ordenadas e Compostas em 1824 pelo 2.º Visconde de Santarém*, Imprensa de Portugal-Brasil, Lisboa, p. cxxxi.

¹¹ Id., *ibid.*, p. cxiv.

O SEBASTIANISMO

Por ser conhecida a visão que de Quatrocentos tinham os integralistas, cujo lema era, precisamente, restaurar, no século XX, a Monarquia de Quatrocentos¹², é possível compará-la com a *outra* visão dos integralistas, que já não visava Quatrocentos, mas sim Quinhentos, que já não ambicionava a *concordia*, mas sim o *imperium*. Estoutra visão sucede à primeira, nomeadamente no percurso ideológico de António Sardinha, rejeitada mais ou menos completamente pelos seus companheiros da primeira geração (Hipólito Raposo, Luís de Almeida Braga, José Pequito Rebelo), mas bem acolhida pela segunda geração (Marcelo Caetano, Manuel Múrias, Pedro Teotónio Pereira), a qual iria ajudar a implantar o Estado Novo.

Se à primeira visão — de *saudade* — pertencia uma imagem idilicamente medieval de Portugal, alicerçando-se aí a doutrina política integralista, de tradicionalismo, nacionalismo isolacionista, descentralização e anti-imperialismo, à segunda — *sebastianista* — correspondia uma imagem gloriosamente épica, que praticamente invertia aqueles valores anteriores, optando agora pelo intervencionismo, pelo peninsularismo, pelo imperialismo e, necessariamente, pela centralização.

Como metáforas sugestivas destas duas posições temos, de um lado (o da *saudade*), *As Líricas* de Camões e o antagonismo em relação à Espanha e, de outro (o do *sebastianismo*), *Os Lusíadas* e a proposta de aliança peninsular, base para o ambicionado Quinto Império, o Ibero-Americano, que reuniria os países ocidentais de expressão castelhana e portuguesa e faria do oceano Atlântico, nas palavras de António Sardinha, «um lago português».

São dois tipos de discursos diferentes. Basta comparar a linguagem de Sardinha na «Teoria das Cortes Gerais», uma exaltação de *concordia*, com a exaltação de *imperium* que marca os editoriais da 2.ª série da revista *Nação Portuguesa* e colectâneas como *A Aliança Peninsular*. O discurso sebastianista, plenamente assumido e reconhecido, vemo-lo na seguinte passagem de Sardinha:

Talvez que uma secreta voz nos grite que a Portugal o Senhor reserve, pela paixão e morte que está padecendo, a missão sacratíssima do restaurador da Christandade desfeita. A nossa pequenez, a destruição entre nós de tudo quanto se convencionou chamar o «existente» [...] representam, ou não representam, sinais de predestinação indubitável? Se, pelo desvio do eixo da civilização do Mediterrâneo para o Atlântico, a idade moderna se deve a Portugal e se Portugal, em mais de uma jornada de epopeia, salvou a Europa da onda islamita, porque não acreditarmos no milagre que há-de vir — no «milagre» de que a miséria actual é o preço de o havermos merecido nos desígnios profundos de Deus?¹³

Sardinha, embora sempre um místico, havia condenado o misticismo na sua infância doutrinária positivista e maurasiana, dando-a por característica da alma castelhana, naturalmente oposta à portuguesa. No entanto, num dos seus momentos mais lúcidos assinala a viragem e, influenciado por Sorel, exalta o que ele pensa ser o valor dos mitos, entre os quais o sebástico ocuparia lugar de especial realce:

Sem um poder místico que unifique, as sociedades não perduram. O *milagre de Ourique* foi para nós o sentido oculto de uma vocação imortal a

¹² «Nós, integralistas, muito dispostos a ressuscitar neste século vigésimo do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo a monarquia quatrocentista de El-Rei D. João II» (António Sardinha, *Glossário dos Tempos*, Lisboa, 1942, p. 103).

¹³ *Nação Portuguesa*, 2.ª série, n.º 1, p. 5.

cumprir — foi uma finalidade que nos comunicou segurança e altivez nas grandes jornadas da nossa história. Desde que o mito esmoreceu nos horizontes da vida portuguesa, nunca mais arrancámos jornada direita, nem soubemos que destino realizar. A nossa história tornou-se então, na frase incisiva de alguém, uma história de ocasiões perdidas. O que é a miséria presente explica-se bem pela ausência duma *fé* — duma *crença*, que nos estimule as vontades e obtenha assim a vontade que a Nação não possui¹⁴.

Compare-se este depoimento com aquela famosa passagem de Fernando Pessoa em que se faz como que um convite à auto-sebastianização da *élite* intelectual portuguesa, para se compreender a função do sebastianismo nas doutrinas nacionalistas da I República, das quais o integralismo lusitano será a mais importante:

Temos, felizmente, o mytho sebastianista, com raízes profundas no passado e na alma portuguesa. Nosso trabalho é pois mais fácil; não temos que criar um mytho, senão que renová-lo. Começemos por nos embebedar d'esse sonho, por o integrar em nós, por o incarnar. Feito isso, por cada um de nós independentemente e a sós consigo, o sonho se derramará sem esforço em tudo que dissermos ou escrevermos, e a atmosfera estará creada, em que todos os outros, como nós, o respirem. Então se dará na alma da Nação, o phenómeno imprevisível de onde nascerão as Novas Descobertas, a Creação do Mundo Novo, o Quinto Império. Terá regressado El-Rei D. Sebastião¹⁵.

Na bibliografia do integralismo vemos que o sebastianismo é aproveitado das seguintes formas:

1. Como característica racial.
2. Como forma de nacionalismo.
3. Como justificação de missão divina.
4. Como justificação do imperialismo.

1. A primeira, já tratada por Oliveira Martins e Teixeira de Pascoais, encontra eco em Sardinha: «No *Sebastianismo* se condensa, pelo exposto, a filosofia inata da alma portuguesa»¹⁶, e deve compreender-se como a afirmação esperançosa, ela própria talvez sebastianista, de uma reserva mística existente na população portuguesa, à qual os integralistas esperavam vir a recorrer para pôr em prática os seus planos políticos.

2. A segunda, também inspirada pela conhecida opinião de Oliveira Martins segundo a qual o sebastianismo teria sido uma prova póstuma da Nacionalidade, segue-se logicamente à primeira, servindo de base mítica à ideologia integralista que Sardinha adoptou depois do seu exílio em Espanha e que entrava em conflito com aquela estabelecida inicialmente.

Curiosamente, Sardinha utiliza-a de uma maneira diferente — ou seja, não vê o sebastianismo já como uma afirmação de nacionalidade *contra* a nacionalidade castelhana, mas como uma forma superior, universal, da aspiração nacional.

¹⁴ António Sardinha, *Glossário dos Tempos*, Lisboa, 1942, p. 115.

¹⁵ Fernando Pessoa, «Portugal-império: um inquérito nacional, in Petrus, *regresso ao Sebastianismo*, p. 108.

¹⁶ António Sardinha, *A Aliança Peninsular*, 4.^a ed., Lisboa, 1974, p. 95.

Assim é possível destrinçar três aspectos desta aplicação do sebastianismo, metaforicamente ligados ao desejo de independência durante a monarquia filipina:

- a) A afirmação e descrição da decadência presente;
- b) A culpabilização dos responsáveis pela presente miséria;
- c) A possibilidade de redenção e seus agentes.

A ligação, que já vimos estabelecida por Sardinha, e que também Afonso Lopes Vieira usou largamente, entre a máxima miséria do presente e a máxima glória possível do futuro é evidentemente pertinente e interessante, porque paradoxal e apenas racionalizável num plano místico:

Talvez que, nas derrotas sobre derrotas em que parecemos ir a pique, Deus esteja apagando para construir connosco alguma coisa de mais sólido e de melhor. Tenhamos fé. Não é Portugal um *reino de milagre*, segundo Garrett, nosso mestre? Se o é, porque não havemos de acreditar no milagre de Ourique?¹⁷

3. O sebastianismo aplicado como justificação de uma missão divina, de um «destino», só se explica com a referência à memória histórica da grandeza dos Descobrimentos. Recorde-se que o integralismo «puro» repudiava e culpabilizava os Descobrimentos, enquanto o revisionismo de Sardinha, tão sebastianista como o outro era saudoso, os tomava precisamente como seu fulcro teórico justificativo.

Neste sentido, também Afonso Lopes Vieira escrevia:

A maior revolução da História [...] tem a sua maior razão na fatalidade mística que a arma, e que fez com que esta sociedade *não queira ser salva*. [...] E, vindo da sua História, da sua Dor, das qualidades dormentes mas raras do seu Povo, Portugal pode e deve ser, outra vez ainda, herói e guia. Esta derradeira esperança, a mais alta e a mais curta, ilumina-se e cresce por cima de todo o lixo morto das coisas e das almas, e finalmente significa — *a última encarnação do «Encoberto»*¹⁸.

A íntima ligação entre a verificação da decadência e a certeza da glória futura é uma das componentes essenciais do sebastianismo — quanto pior é, melhor há-de ser —, e também esta se encontra nos textos integralistas da segunda fase. António Sardinha, em cujo percurso se assinala a passagem de um discurso saudoso para outro, sebastianista, explicitou esta paradoxal relação entre miséria presente e glória futura:

A nossa pequenez, a destruição entre nós de tudo quanto se convencionou chamar o «existente», e, para mais, a nossa posição privilegiada de varandim da Europa, lançado de encontro às terras moças do Ocidente, representam, ou não representam, sinais de predestinação indubitável?¹⁹

Repare-se que neste parágrafo existem duas razões místicas (a destruição do «existente» e a pequenez de Portugal) e uma positiva (a posição geográfica de Portugal). O sonho de tornar o Atlântico um lago português encontra depois

¹⁷ António Sardinha, *Glossário dos Tempos*, pp. 118-119.

¹⁸ Afonso Lopes Vieira, *Em Demanda do Graal*, Lisboa, 1922, pp. 323-325.

¹⁹ António Sardinha, *A Prol do Comum*, Lisboa, 1934, p. 173.

eco no imperialismo da segunda geração de integralistas, como adiante veremos.

4. A missão divina de Portugal é justamente a criação duma versão moderna do Quinto Império. Se a primeira geração de integralistas fala nela metaforicamente, ou, como mais tarde faria Fernando Pessoa, como um império espiritual, já a segunda geração se não coíbe de lhe dar forma prática, nomeadamente através da apologia do Império Português físico e tangível, tanto em África como noutros continentes.

Assim, Augusto da Costa, responsável pela famosa frase «Imperialistas? Porque não?!», que, nas páginas da *Nação Portuguesa*, assinala a viragem do movimento, anteriormente pacato e isolacionista, retoma o mote de Sardinha para afirmar, no artigo «Apologia do Império Português», que «a posição geográfica de Portugal dar-nos-á, mais tarde ou mais cedo, sózinhos ou acompanhados, a hegemonia do Atlântico»²⁰. Não é difícil reparar no aproveitamento pragmático, literalmente oportunista, que o Estado Novo faria, embora incompletamente, do revisionismo integralista iniciado por Sardinha. É aliás possível sugerir, embora para tanto se não preste esta breve comunicação, que o Estado Novo aproveitou do primeiro integralismo — integralismo saudoso — e do segundo — integralismo sebastianista — apenas aqueles aspectos parciais que poderiam convir a um regime republicano ditatorial como foi o de Salazar, empenhado em começar a exploração colonial e pretendendo estimular um discreto capitalismo monopolista.

De qualquer modo, são os dois discursos conflituosos que encontramos no integralismo, o da saudade e o do sebastianismo, que o permitem determinar ideologicamente. O integralismo lusitano, é o que aqui se propõe, foi uma tentativa de conciliar a saudade, como lembrança obsessiva de um passado, e o sebastianismo, como ensaio místico de um futuro. O nexa entre os dois é fornecido pela epopeia dos Descobrimentos — a glória passada que seria eventualmente o modelo da glória futura.

Sumarizando, com um simplismo que as dimensões desta comunicação não poderiam proibir, é possível isolar teoricamente os dois conceitos e o que significavam no ideário integralista (ver quadro da página seguinte).

Embora estejam, naturalmente, exagerados os aspectos isolados no quadro, correspondem sinteticamente às formas que encontramos no todo da bibliografia integralista.

Como ideologia política, o integralismo, inspirando a sua imagem de Portugal e da sua potencialidade numa determinada visão romântica do passado, teria de encontrar a sua ideologia própria.

Se, no integralismo saudoso, o modelo é do Portugal quatrocentista pré-Descobrimentos e a atitude em relação à Espanha é hostil, no integralismo sebastianista o modelo é do Portugal imperial e descobridor de Quinhentos e a atitude em relação à Espanha é benévola e interessada. Revela-se a diferença entre os dois integralismos no juízo que ambos fazem de *Os Lusíadas* como metáfora dos Descobrimentos e do não isolamento, estando o primeiro solidário com a atitude do Velho do Restelo e o segundo com a do jovem D. Sebastião.

No caso de António Sardinha, a transição é clara, assim como é certo que Hipólito Raposo e Luís de Almeida Braga nunca abandonaram o integralismo saudoso, original. José Pequito Rebelo, que não partilhava do pendor místico de Sardinha, situava-se numa área intermédia, dando-se fé do conflito entre as duas

posições. Falando do Pinhal de Leiria como tendo o carácter especial de um lugar de transição e de íntimo contacto entre a terra e o mar, entre a agricultura e a navegação, escreveu:

As vezes é a tentação marítima que triunfa, doutras vezes «O Velho do Restelo geme e suspira» e a Pátria, naufragada na sua paixão trágico-marítima, tem saudades do ruralismo [...] ²¹.

	Saudade	Sebastianismo								
Filosofia	Olha para o passado, é passiva Inspiração historicista Relativista Pessimista, nostálgica	Olha para o futuro, é activo Inspiração mística Absolutista Optimista, esperançoso								
Religião	Católica romana, tolerante	Cristão, agressivo								
Estética	Lírica Sentimental, gentil, feminina «pequenino, velhinho, bonito» Rural, bucólica	Épico Apaixonado, violento, masculino «grande, novo, belo» Marítimo, heróico								
Economia	<table border="0"> <tr> <td rowspan="2" style="font-size: 2em; vertical-align: middle;">{</td> <td>nacional</td> <td>Auto-suficiência agrária Descentralização Municipalismo, comunalismo</td> </tr> <tr> <td>internacional</td> <td>Isolacionismo, protecçãoismo</td> </tr> </table>	{	nacional	Auto-suficiência agrária Descentralização Municipalismo, comunalismo	internacional	Isolacionismo, protecçãoismo	<table border="0"> <tr> <td rowspan="2" style="font-size: 2em; vertical-align: middle;">{</td> <td>Exploração colonialista Centralismo imperial Estadismo, dirigismo</td> </tr> <tr> <td>Imperialismo</td> </tr> </table>	{	Exploração colonialista Centralismo imperial Estadismo, dirigismo	Imperialismo
{	nacional		Auto-suficiência agrária Descentralização Municipalismo, comunalismo							
	internacional	Isolacionismo, protecçãoismo								
{	Exploração colonialista Centralismo imperial Estadismo, dirigismo									
	Imperialismo									
Política	Tradição Populismo paternalista Nacionalismo, sem alianças Monarquia Antimesianismo Antipeninsularismo	Revolução Elitismo autoritário Internacionalismo, alianças Monarquia ou república Messianismo Peninsularismo								

Pequito Rebelo tentou resolver a contradição entre a saudade e o sebastianismo, entre a ruralidade bucólica e o colonialismo aventureiro. Por um lado há o ruralismo de Pequito Rebelo:

A todos eu desejava ter dado a noção da terra portuguesa, como ela é, como ela deve ser, êste jardim florido e frondejante, que dá à boca o pão bastante e ao olhar o recreio da sua beleza, esta *pequena casa lusitana*, que eu chamaria antes esta pequena herdade portuguesa, tão perfeita na sua forma, tão rica na sua vegetação, não amolecendoramente fértil, para nos obrigar ao trabalho educativo e civilizador, contendo ainda tantos tesouros por explorar; terra que vale principalmente pelo Sol benéfico que a ilumina e pela grei tão laboriosa e boa que a habita; *êste consórcio da Terra de Portugal e da gente portuguesa sob a benção do Sol é das mais felizes uniões que tem visto o mundo; é o verdadeiro ruralismo* [sublinhados meus] ²².

²¹ José Pequito Rebelo, *Em Louvor e Defesa da Terra*, Lisboa, 1949, p. 37.

²² Id., *A Terra Portuguesa*, Lisboa, 1929, p. 67.

E do outro lado, revelado primeiro quando da Guerra Civil de Espanha, altura em que ele preconizava um grande empenho de Portugal com vista a poder fortalecer a posição de Portugal na Península²³, e depois quando começou a resistência armada em Angola, Pequito Rebelo aceita a natureza heróica e colonizadora de Portugal no mundo.

Ainda em 1980, escrevendo no *Templário*, o autor, num artigo intitulado «Integralismo hoje?», sintetiza a dualidade saudade/sebastianismo:

Longe no passado e também longe no Futuro, essa Monarquia Cristã das liberdades que ambicionamos! [...] Passado e futuro! [...] Saudade e esperança! [...] Nesta manhã de nevoeiro apocalíptico um bem português sebastianismo que deseja o Herói e mais ainda o ideal por ele encarnado! [...]

Ideal, pois, muito longínquo, tanto no passado inspirador como no futuro realizador! [...] Mas não será esta mesma distância razão para com a maior urgência pormos as mãos ao trabalho de reconstrução? [...]»²⁴

CONCLUSÃO

A aventura doutrinária do integralismo, sugere-se, foi precisamente dar corpo político àquilo que viam ser a alma ambígua da cultura portuguesa, resolver a luta travada entre o impulso obsessivo do passado e a predisposição mística para o futuro, no campo actual do presente. Por um lado, o desejado medievallismo, cordato e lírico, e, por outro, a ambição do Quinto Império, ousada e épica.

A conciliação pretendida atingir-se-ia através de um aproveitamento da saudade já antevisto por Pascoais (ao tentar definir a saudade como um fenómeno essencialmente esperançoso). Do passado já não viria o modelo original dos integralistas – Portugal no limiar dos Descobrimentos –, mas a época grandiosa que se lhe seguiria. Modernamente, pretendiam Sardenha e os seus seguidores uma imitação contemporânea daquela grandeza que viam em Quinhentos, alicerçada sobre uma aliança incompleta com a Espanha e centrada no Atlântico Oeste. Neste sentido se desenvolveram as conhecidas campanhas de aproximação entre Portugal e Espanha, por um lado, e Portugal e Brasil, por outro.

Tomando o sebastianismo duma mesma maneira activa, possivelmente tão contrária ao seu significado (de *espera* apática e resignação) como a forma com que encararam a saudade (de lembrança, desinteressada no presente e com desconfiança do futuro), eles viram no sebastianismo uma possível fonte rática de grandes energias construtivas. Se a saudade fornecia o fim, o sebastianismo fornecia o meio. A primeira inspirava, o segundo mobilizava.

Se é certo que o misticismo dos integralistas sebastianistas não era sincero – na medida em que a sua preparação intelectual lhes proibia a crença em milagres de Ourique ou certezas de Quinto Império –, também é verdade que, influenciados pelo trabalho de Sorel sobre o valor social e a potencialidade mobilizadora dos mitos, caíram numa outra espécie de misticismo, que foi acreditar que o povo português fosse sempre o mesmo, o mesmo da Reconquista, o mesmo dos Descobrimentos, o mesmo da Restauração.

Foi talvez a sua visão inflexível da cultura política portuguesa, tomada como um valor com a permanência de uma característica rática, e logo resistente à história e imune às suas experiências, que os deitou a perder na aplicação prática da sua ideologia. Era isso que a *élite* queria, mas, pelos vistos, não era isso que Portugal era.

²³ Ver, por exemplo, *A Ideia de Portugal Forte*, Lisboa, 1940.

²⁴ Recorte oferecido pelo autor, sem indicação de data.